
Monografia não é bicho de sete cabeças

Regina Castiglioni*

Falar da precariedade do conhecimento – no plano da vida individual (...) - não é decretar sua falência. Ele é a única saída que resta ao homem em todas as inquietudes; só ele o levará a uma afirmação de liberdade. Francisco Iglesias

Com este texto, não temos a intenção de aprofundar uma discussão sobre o papel do professor na sociedade. Mesmo que em absoluto esse aspecto seja pertinente, já que nossa matéria é a formação de professores e gestores escolares. Nosso foco é a dificuldade das alunas e alunos de graduação de todos os cursos, especialmente do curso de Pedagogia, quando vão elaborar suas monografias. Seja qual for o método ou o embasamento teórico, no fim do curso é o real – a formação de docentes - que nos interessa. Depois de formado, o que era aluna/o passa a ser profissional. O professor brasileiro deve estar preparado para se consubstanciar no multiplicador cultural que a realidade espera que ela seja. Da forma que o concebeu Anísio Teixeira:

O professor de hoje tem que usar a legenda do filósofo: “Nada que é humano me é estranho”. Tem que ser um estudioso dos mais embaraçosos problemas modernos, tem que ser estudioso da civilização, tem que ser estudioso da sociedade e ter que ser estudioso do homem; tem que ser, enfim, filósofo...” (Teixeira, 2000, p.173)

Quanto às dificuldades, fazer e refazer projetos ao longo do curso é preparar-se para o trabalho e seu mercado: competências, tarefas, pes-

Psicóloga e professora de Psicologia em Educação.

Professora de Filosofia da Educação, Ética e Cidadania da Faculdade Souza Marques.

quisas, conhecimento e criatividade. Entretanto, mais do que uma questão de mercado – oferta, demanda, mídia... - a educação figura como conquista social e política do país. A educação parece ser o grande desafio ao Brasil, em relação ao seu ingresso na modernidade. Neste contexto, o professor passa a ser uma necessidade básica. Por isso, é fundamental que esteja bem preparado para responder cientificamente às tarefas da Educação no novo milênio.

Cultura e criatividade

O senso comum diz que a condição sócio-econômica do estudante universitário, que trabalha de dia e estuda à noite, influi diretamente na queda do seu rendimento escolar. Isso não significa, entretanto, que alunos de outros períodos apresentem sempre um rendimento maior em relação aos demais.

As dificuldades surgem já no esboço do projeto de pesquisa, vão até a versão final desse projeto. Requerem dos educadores constante avaliação da teoria e da prática adotadas. Neste sentido, as etapas dedicadas à elaboração do projeto de pesquisa são fundamentais. É quando o estudante se prepara para saber organizar uma teoria sobre o seu fazer diário e com isso recriar condições do conhecimento utilizando o próprio conhecimento, ou seja, a criatividade.

No Brasil, em seu panorama social, o que se desenha é a batalha do dragão do analfabetismo contra o professor e seus sete saberes. Sobre isso, o professor Cristovam Buarque (2003, p.7), ministro da Educação, escreveu: “O Brasil ainda tem 20 milhões de analfabetos. As elites que governaram este país nos seus 500 anos de História são responsáveis por esta triste estatística. Mas a sociedade não pode mais ficar impassível diante desses números” porque – prossegue Buarque - “abolir o analfabetismo é um desafio diante do qual ninguém pode ficar indiferente”.

Com efeito, é triste para este pobre/rico país ver parte expressiva de sua população - 20 milhões de analfabetos - submetida à escuridão do não-saber-ler. Atualmente, são oitenta e oito em cada mil, mas já foram oitocentos e oitenta, ou toda a população. É curioso constatar que desde a era Vargas, 20 milhões de brasileiros são analfabetos. Entra década, sai década, eles aparecem nas estatísticas, os mesmos 20 milhões de “analfabetos de pai e mãe”. Esse número poderia até mesmo simbolizar a carteira

de identidade que o país ganhou naqueles anos 30, sem, no entanto, lhe servir de passaporte para a modernidade. Se o analfabetismo configurar uma função de atraso social, poderíamos até dizer que os outros 147 milhões de brasileiros, que sabem ler e escrever, são de alguma forma afetados culturalmente pelo analfabetismo dos outros. Há passos no desenvolvimento humano ainda não alcançados pela sociedade brasileira, que poderiam muito bem ser atribuídos a efeitos culturalmente predatórios do analfabetismo.

Cientificidade e organização teórica

Nesse sentido, a missão do educador é exorcizar essa sina. É apagar as seqüelas do obscurantismo que ainda mancham a pele cultural da sociedade brasileira. Atualmente, a discussão em torno do aprendizado passa necessariamente pelo estudo das estratégias da escola para reconquistar a aluna/o que cada vez mais vê a sala de aula como uma obrigação desagradável. Em geral, as crianças do ensino fundamental não conseguem entender uma frase com mais de 10 palavras, com a velocidade com que assimilam a linguagem dos *games* e sofisticadas ferramentas da teleinformática. Esta tendência, que surgiu como uma tatuagem na epiderme social, ganha dimensões cada vez maiores em desfavor da leitura. A internet ganha terreno como ferramenta de pesquisa, mas ainda não pode ser admitida como substituta do livro, especialmente porque o acesso a ela não é universal. Além disso, grande parte do material da *web* carece de verificação. Seu uso não criterioso pode resultar em um complicador a mais para a pesquisa.

Chamar a atenção para o debate da superação dessas dificuldades, mediante a leitura e a pesquisa, é o propósito prático desse artigo. No caso da Pedagogia, nunca houve no país um momento mais oportuno e adequado para o debate da Educação. Quem vai se graduar nos próximos dois anos tem a faca e o queijo nas mãos, guardadas as devidas proporções. A docência, bem como a gestão escolar, vão ter que ampliar os espaços para o debate da prática pedagógica, principalmente agora que o ministro da Educação, Cristovam Buarque, abre as universidades públicas para educadoras e educadores se aperfeiçoarem. A nova dinâmica, com a proposta de mudança nos objetivos políticos (a Educação no governo Lula promete ganhar a centralidade de política institucional, diferentemente do governo de

Fernando Henrique, para o qual a Educação era apenas mais um programa de governo), pode por em aberto os programas, métodos e ritos acadêmicos consagrados. Portanto, não é aconselhável às/aos alunas/os da Pedagogia, como de outros cursos, desenvolverem o raciocínio pelo qual a teoria deve ser empurrada com a barriga e a prática valorizada. As duas coisas devem ocupar juntas o campo de interesse de todo pesquisador, seja ele estudante ou profissional.

A construção de um quadro teórico e a descrição de fatos, eventos ou fenômenos só será factível, na apresentação de uma monografia suficiente, se estiver embasada numa rigorosa organização teórica do conhecimento.

Vamos dizer que o governo brasileiro tenha um programa gigantesco para combater o analfabetismo. Para cumprir esta tarefa, haverá programas específicos de alfabetização de adultos. A aplicação do método do professor Paulo Freire pode ser admitida como favas contadas na fundamentação teórica que orientará o alfabetizador. Assim, por exemplo, quem leu Paulo Freire (1997, p. 33), sobre a questão do respeito ao saber do aluno, estará aparelhado teoricamente para identificar o contexto da/o estudante. Em Moçambique, nos anos 70, a aplicação desse método levou a que adultos e crianças aprendessem a ler e escrever, a partir da palavra revolução (re-vo-lu-ção). No Brasil dos nossos dias – o clima político não é revolucionário, embora um operário de esquerda tenha subido ao poder – a palavra original poderia ser evolução (e-vo-lu-ção), ou mesmo a locução Fome Zero. Em ambos os casos, o objetivo poderia ser levar o alfabetizando a identificar o conceito de cidadania já nas primeiras palavras que aprender a ler e escrever.

A princípio, um programa de alfabetização de adultos utilizando o método Paulo Freire pode ser suficiente. Mas elaborar um programa de pesquisa de graduação em Pedagogia exige mais que um autor para a organização de um quadro teórico, mesmo que o tema escolhido fosse alfabetização. Com pesquisa, debate e conversas com as/os orientadoras/es, outros autores que vão aparecer e confluir teoricamente com Paulo Freire, ampliando as possibilidades quanto ao tratamento teórico do tema .

Anotações sobre educação e pesquisa

Um projeto equivocado em suas bases mais elementares redundará numa pesquisa insuficiente em termos científicos. Sem objetivos bem

definidos, uma pergunta clara sobre o tema delimitado e um quadro teórico alcançável, a monografia correrá sérios riscos. Por objetivos bem definidos, a/o estudante deverá entender as finalidades a serem alcançadas no processo de investigação. Por isso, torna-se necessário justificar o tema.

Umberto Eco (1999, p. 6) sugere quatro regras para a escolha do tema, que não devem ser admitidas como definitivas sobre o assunto, mas respondem objetivamente a uma racionalização na hora de escolher um tema. São elas:

- 1) que o tema responda aos interesses do candidato (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural e religiosa).*
- 2) que as fontes de consultas sejam acessíveis, isto é, estejam ao alcance material do candidato;*
- 3) que as fontes de consultas sejam manejáveis, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;*
- 4) que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.*

A lição de Eco é que quem quer fazer uma monografia deve fazer uma monografia que esteja à altura de se fazer. E assevera que de fato “é exatamente assim”, e sabe-se de teses que foram dramaticamente abortadas justo porque não se soube colocar o problema inicial em termos tão óbvios” (Ibid. p. 6).

Dessa forma, não parece fora de propósito reafirmar a importância da participação do aluno e do grupo, em relação à orientação - em classe e nos tempos extra-classe oferecidos pela/o docente.

Antes, é bom lembrar que pertence à/o aluna/o o atributo de manifestar seu desejo acadêmico, uma certa consciência de que quer produzir um trabalho de conclusão de curso com corte científico mediante a pesquisa. Assim sendo, não incorrerá no equívoco de escolher um tema sem correspondência psicoafetiva entre a pessoa que escolhe e o objeto de estudo escolhido. Ninguém mais no mundo precisa estar tão próximo do objeto de estudo do que quem decidiu estudá-lo. A partir do momento que a/o aluna/o incorpora essa idéia-ação, estará desenvolvendo uma práxis verdadeira, uma prática teórica, pondo-se mais aberta/o à dialética, à dinâmica das con-

tradições, elemento básico para se elaborar a monografia. Estará se tornando profissional.

As explicações do conhecimento científico, embora não apresentem uma verdade absoluta e eterna, vão muito além das explicações construídas pelo senso comum. O conhecimento científico é lógico, sistemático, reflexivo e analítico. Para se formular uma explicação científica, é preciso se constituir num texto elaborado por critérios lógicos, reflexivos e analíticos acerca dos fenômenos que os produzem, conforme conceituam Cervo e Bervian (1983, p. 8) apud Dalarosa (1999, p. 99): “O conhecimento científico possui características bem distintas do senso comum, por ser certo na medida que explica os motivos de sua certeza”.

Um dos primeiros passos para a construção do conhecimento científico, é ter como pressupostos fundamentais a pesquisa e a metodologia. Portanto, quando questionamos sobre o sentido de ciência ou conhecimento científico, é importante diferenciarmos senso comum de conhecimento científico. A atividade científica implica uma relação específica entre sujeito e objeto, e que, mediados pela sua interação, surge a possibilidade da construção científica. Dalarosa (op. cit. p. 100). afirma que nessa relação sujeito-objeto está implícita uma outra relação entre fenômeno e essência.

Os fenômenos por si só não explicam o todo da realidade; eles são apenas manifestação parcial desta realidade, ou seja, manifestação deturpada, aparente, da realidade. Nenhum fenômeno encontra explicação apenas pela sua aparência. É preciso mergulhar em direção de sua essência, ou seja, do contexto, das contradições e de toda gama de relações que produzem determinado fenômeno, para que se possa entender seus determinantes, suas implicações básicas, a fim de que se possa encontrar a raiz do problema e possibilitar sua compreensão.

É nessa tentativa de explicar os fenômenos, que se passa a produzir ciência. É ciência porque constitui uma explicação superior à do senso comum, já que pressupõe um raciocínio reflexivo, analítico, lógico, sistemático e crítico.

A teoria só faz sentido se for uma reflexão da própria realidade e que não apresenta em si a profundidade e a complexidade do fenômeno.

Ainda segundo Dalarosa (op.cit p.101), “a teoria é a linguagem elaborada com critérios metodológicos e científicos que possibilita a comunicação do conhecimento científico. Apenas descrever a realidade não significa produzir ciência. Ciência é teoria, é constructo intelectual, analítico e interpretativo dos fenômenos. Dalarosa recorre a Bachelard (Ibid. p. 101) para sustentar com propriedade que “a ciência não constitui um mundo a descrever. Ela constitui um mundo a construir”. Esta construção implica numa base teórica e na interpretação dos fenômenos com suas leis e necessita de uma realidade e de um questionamento. O questionamento é condição necessária para se construir a ciência. Sem ele, estaremos apenas fazendo um relato de algo supostamente acabado, ou seja, a descrição pura e simples.

Conclusão

Com base nas anotações apresentadas neste texto, vale lembrar que o docente precisa discutir e reivindicar um horário extra-classe reservado para se dedicar exclusivamente a casos que exigem de ambas as partes, orientando e orientador, uma atenção maior. Fixar essa conquista como objetivo, é tornar o nosso trabalho mais humano e aumentar a possibilidade de solução das dificuldades das alunas/os na realização de seus trabalhos de monografia. ◆

Referências Bibliográficas

BUARQUE, Cristovam. **Mania de Educação**, O Globo, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2003, Caderno de Opinião, p. 7.

DALAROSA, Ângelo Adair. Ciência, pesquisa e metodologia na universidade. In LOMBARDI, J.C.(org) **Pesquisa em Educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999, p. 95-104.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.